XII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI BUENOS AIRES – ARGENTINA

DIREITO E SUSTENTABILIDADE II

JOSÉ CLAUDIO JUNQUEIRA RIBEIRO

LIANE FRANCISCA HÜNING PAZINATO

JERÔNIMO SIQUEIRA TYBUSCH

Copyright © 2023 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte deste anal poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC – Santa Catarina
Diretora Executiva - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - UNIVEM/FMU – São Paulo
Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa – Pará
Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG – Goiás
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos – Rio Grande do Sul
Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio – Rio de Janeiro
Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR – Ceará

Representante Discente: Prof. Dra. Sinara Lacerda Andrade – UNIMAR/FEPODI – São Paulo

Conselho Fiscal:
Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara – ESDHC – Minas Gerais
Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM – Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho – Ceará
Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva – UFS – Sergipe
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo – UNIMAR – São Paulo
Secretarias
Relações Institucionais:
Prof. Dra. Daniela Marques De Moraes – UNB – Distrito Federal
Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues - UNIVEM – São Paulo
Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - Mackenzie – São Paulo
Comunicação:
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali – Rio Grande do Sul
Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB – Paraíba
Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro - UNOESC – Santa Catarina
Relações Internacionais para o Continente Americano:
Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA – Bahia
Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM – Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA – Maranhão
Relações Internacionais para os demais Continentes:
Prof. Dr. José Barroso Filho – ENAJUM
Prof. Dr. Rubens Beçak - USP – São Paulo
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba – Paraná
Eventos:
Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec – Minas Gerais
Profa. Dra. Cinthia Obladen de Almendra Freitas - PUC – Paraná
Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS – Mato Grosso do Sul

Membro Nato – Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UMICAP – Pernambuco

D597

Direito e Sustentabilidade II [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Liane Francisca Hüning Pazinato; Jerônimo Siqueira Tybusch; José Claudio Junqueira Ribeiro. – Florianópolis: CONPEDI, 2023.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-772-4
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Derecho, Democracia, Desarrollo y Integración

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direito. 3. Sustentabilidade. XII Encontro Internacional do CONPEDI Buenos Aires – Argentina (2: 2023 : Florianópolis, Brasil).

CDU: 34

CONPEDI

Conselho Nacional de Pesquisa
e Pós-Graduação em Direito Florianópolis
Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br

XII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CONPEDI BUENOS AIRES – ARGENTINA

DIREITO E SUSTENTABILIDADE II

Apresentação

O Grupo de Trabalho em Direito e Sustentabilidade II já conta com diversos anos e edições dentro dos Congressos e Encontros do CONPEDI. Em particular, neste evento de Buenos Aires, pode-se verificar uma grande diversidade de temáticas afins ao conceito de sustentabilidade, perpassando os mais diversos ramos do direito de uma forma interdisciplinar e sistêmica.

Foram, ao todo, 14 trabalhos apresentados, envolvendo temas como análise econômica, licitações sustentáveis, desenvolvimento sustentável, mobilidade urbana, logística reversa, resíduos eletroeletrônicos, aquecimento global e crise climática, políticas públicas municipais, geração de energia, dano moral ambiental coletivo, regulamentação de agrotóxicos no Brasil, povos originários, licenciamento ambiental, energia fotovoltaica, acesso à justiça e recursos hídricos.

A qualidade das apresentações reflete o alto padrão dos textos produzidos, todos alicerçados em pesquisas desenvolvidas na pós-graduação do direito brasileira e contanto com a formação de redes, assistência e troca de ideias com pesquisadores argentinos que a natureza do evento proporcionou. Certamente enriquece e reforça a produção e o acervo de textos publicados pela nossa Sociedade Científica do Direito no Brasil.

Vida longa ao CONPEDI!

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch

Prof. Dr. José Claudio Junqueira Ribeiro

Prof. Dra. Liane Francisca Hüning Pazinato

O RESGATE DA CULTURA DOS POVOS ORIGINÁRIOS COMO SOLUÇÃO PARA A CRISE CLIMÁTICA

RESCUING THE CULTURE OF INDIGENOUS PEOPLES AS A SOLUTION TO THE CLIMATE CRISIS

Stephanie Tais Rohde [1]
Renan Carlos Pagnussat

Resumo

O artigo intenciona demonstrar como a colonização eurocentrista e aniquilação das culturas dos povos originários impactou o meio ambiente e influenciou diretamente as crises ambientais que vivemos atualmente. Um dos marcos iniciais do eurocentrismo é a colonização e exploração das américas, assim como a construção do sistema capitalista. Essa expansão global de uma única cultura culmina atualmente num estado de crise em diversos âmbitos, inclusive o ambiental, cujas transformações têm raízes no passado. A partir dessa análise, identifica-se a necessidade de mudanças em nossa sociedade a fim de evitar o colapso, cada vez mais próximo, e uma das possíveis alternativas para tanto seria o resgate da cultura dos povos originários referente a sua relação com o meio ambiente. A partir disso, a pesquisa é exploratória e qualitativa, utilizando o método de revisão bibliográfica e documental. Com base no exposto, as análises indicam a necessidade de mudanças urgentes que intentem colocar em prática alternativas encontradas ao resgatar as culturas dos povos originários para concretizar a sustentabilidade.

Palavras-chave: Colonização, Cultura dos povos originários, Crise ambiental, Eurocentrismo, Sustentabilidade

Abstract/Resumen/Résumé

The article aims to demonstrate how Eurocentrist colonization and annihilation of the cultures of native peoples impacted the environment and directly influenced the environmental crises we are currently experiencing. One of the initial milestones of Eurocentrism is the colonization and exploitation of the Americas, as well as the construction of the capitalist system. This global expansion of a single culture currently culminates in a state of crisis in several areas, including the environment, whose transformations have roots in the past. From this analysis, the need for changes in our society is identified in order to avoid the collapse, which is increasingly close, and one of the possible alternatives for this would be the rescue of the culture of the original peoples regarding their relationship with the environment. From this, the research is exploratory and qualitative, using the method of

[1] Advogada e Mestranda em Direito pela Universidade de Passo Fundo-UPF

bibliographic and documentary review. Based on the above, the analyzes indicate the need for urgent changes that seek to put into practice alternatives found by rescuing the cultures of the original peoples to realize sustainability.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Colonization, Culture of native peoples, Environmental crisis, Eurocentrism, Sustainability

1 INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas têm se tornado cada dia mais frequentes em nosso planeta, e o aquecimento global atingiu temperaturas recordes, de maneira que atitudes devem ser adotadas imediatamente a fim de resolver, utopicamente, ou tentar minimizar e reverter a situação. Tal condição nos leva a questionar quais as origens do problema e quais as soluções para que essa condição seja resolvida. Analisando os primórdios, retomamos o colonialismo[1], evento considerado um dos marcos iniciais do eurocentrismo[2], e como a imposição da cultura europeia como superior comparada as demais interferiu nas condições de recuperação do meio ambiente atual.

Compreender a evolução histórica da construção cultural da sociedade e sua relação com o meio ambiente é fundamental para que o problema da crise ambiental que estamos passando seja identificado e a elaboração de soluções sejam propostas e concretizadas. Em um primeiro momento, o aquecimento global, asa mudanças climáticas e a crise ambiental foram ocasionados pela maneira em que a sociedade globalizada vem explorando o meio ambiente de forma irresponsável, causando devastação, poluindo o solo, a água, o ar, desmatando e tornando área praticamente irrecuperáveis sem a interferência externa.

Identificada a causa principal do problema, nota-se que parte da solução seria modificar a forma em que agimos com os recursos naturais à nossa disposição, sendo necessária a mudança de comportamento e pensamento, tornando sustentável a relação entre sociedade e natureza. Em um contexto histórico, a cultura dos povos originários, antes de ser inferiorizada durante a colonização, trazia o relacionamento de respeito com o meio ambiente, sem que houvesse indiferença e distinção entre todos que habitam o planeta, de forma que o desenvolvimento da vida ocorria de maneira sustentável, garantindo que nada fosse transformado de maneira irreparável.

A cultura dos povos indígenas que habitavam as Américas antes destas serem colonizadas, são exemplos de comunidades que valorizavam o relacionamento coletivo, inclusive com a natureza. Seus conhecimentos permitiam uma sincronicidade com os ciclos naturais, de forma a estabelecer harmonia em suas ações cotidianas e rituais. Dessa forma, pode-

---

[1] O termo é utilizado para designar a doutrina política, econômica e militar que baseia conquistas territoriais coma finalidade de estabelecer o controle e autoridade da metrópole, por meio da imposição administrativa e cultural, através da exploração dos recursos naturais da colônia em benefício da metrópole colonizadora, tendo como consequência o desenvolvimento da população que explora, na mesma proporção em que a população explorada é aniquilada, escravizada e/ou dominada e oprimida em diversos aspectos.

[2] O termo é utilizado para designar a centralidade e superioridade da visão europeia sobre as outras visões de mundo, levando em conta somente os valores europeus, em que a cultura europeia é colocada como a mais importante das culturas constitutivas das sociedades do mundo.

se afirmar que tais culturas são consideradas sustentáveis em viés tanto humanos e sociais quanto ambientais.

A pesquisa do tema é considerada de alta relevância em nosso contexto atual, tendo em conta que passamos por uma situação delicada com a manutenção do planeta, diante da grave crise socioambiental[3] presente. O estudo então possui o objetivo de analisar como os conhecimentos dos povos originários podem auxiliar o desenvolvimento sustentável, analisar ainda as origens da crise climática e o que tem sido realizado em contraponto. Na pesquisa utilizou-se o método dedutivo, através de obras bibliográficas de autores que abordam o assunto, assim como documentários e notícias.

Sendo assim, entende-se que o resgate da cultura dos povos originários quanto ao seu relacionamento com a natureza é a resposta adequada para que a sustentabilidade seja estabelecida e que possamos viver em harmonia novamente, respeitando a dignidade e direitos, reconhecendo que somos parte de um todo, e que o tratamento de qualquer parte individual, afeta o todo o coletivo.

2 CONSEQUÊNCIAS DA CRISE CLIMÁTICA GLOBAL

O ano de 2023 está sendo assolado por emergentes crises sincronizadas. Observamos notícias que indicam o aumento da temperatura global de maneira descontrolada, sendo este um dos anos mais quentes já registrado na Terra[4], gerando preocupação. O aquecimento do planeta é um evento delicado que vem sendo discutido ao longo dos anos, sem que soluções sejam efetivadas. Diversos planos de ação vêm sendo elaborados, com propostas e objetivos a fim de atingir a sustentabilidade, porém, são medidas não mediatas, que requerem tempo para serem cumpridas.

O modo de produção e consumo é o principal fator para que os desequilíbrios ambientais e sociais estejam em ascensão, tornando-se assim um problema socioambiental. A forma como o crescimento econômico e sistema de produção são realizados, colocam em perigo a existência de todos, pois a depredação e degradação socioambientais provocam consequências imprevisíveis (ACOSTA, 2016).

Desmatamentos de florestas em grande escala, produção de lixo desenfreado, poluição dos recursos naturais, desigualdade social, extinção de espécies, derretimento das geleiras,

[3] A crise socioambiental é um termo usado para descrever a soma dos problemas ambientais que enfrentamos, bem como sua formulação social.

[4] "Segunda-feira, 3 de julho, foi o dia mais quente já registrado na Terra, diz agência dos EUA. Dados dos Centros Nacionais de Previsão Ambiental dos Estados Unidos apontam que a temperatura média global atingiu a marca de 17,01°C na data." Disponível em: https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2023/07/04/dia-mais-quente-registrado-noaa.ghtml

todas consequências vivenciadas atualmente e causadas pelas ações humanas no decorrer das últimas décadas.

Mesmo que os problemas socioambientais atinjam toda a humanidade, é reconhecível que nem todos são atingidos da mesma forma, isto é, em um sistema que gera uma desigualdade sem tamanho, a maior parte desta, a mais vulnerável em diversos aspectos, é a que mais sentirá os danos decorrentes da crise ambiental.

Nesse sentido, o termo "justiça climática"[5] aborda exatamente a forma desigual que as consequências da crise climática impactam a população. Os mais prejudicados e os que mais sentem o desequilíbrio ambiental são os mais vulneráveis, principalmente de forma econômica. As comunidades indígenas afastadas de seu território natural, por exemplo, são altamente prejudicadas pela crise ambiental, tendo em vista que possuem o modo de sobrevivência sincronizado com os ciclos da natureza, e quando estes já estão desequilibrados, afetam diretamente a vida dos indígenas.

A principal causa associada as mudanças climáticas atuais são consequências do sistema capitalista e cultura consumerista que o eurocentrismo trouxe à nossa cultura originária, e que vem piorando ao longo dos tempos. A economia capitalista que não respeita os recursos naturais em nenhuma fase de sua produção, é a principal responsável pelos problemas ambientais e crises sociais.

A colonização e imposição da cultura eurocentrista influenciou nos sistemas atuais de nossa sociedade, já que a cultura europeia do homem branco foi considerada superior das demais, e prevaleceu com marco inicial extrativista. Como exemplo de nosso Estado, a cultura dos povos originários foi totalmente invalidada, e imposto uma cultura diferente, exploratória, que deixou marcas profundas e praticamente irreparáveis.

O poder econômico acima de qualquer outro é um pensamento enraizado que necessita ser repensado. Entregamos nossa saúde, nosso tempo, nossa família, tudo em nome do poder econômico. Ocorre que a qualidade de vida está interligada não somente à área econômica, e o modo frenético que o sistema impôs não permite mais, ou pelo menos não de maneira fácil, pensar ou agir de outra maneira.

Nesse sentido, a cultura dos povos ancestrais tem diferente da cultura eurocentrista branca, possui uma relação diferente com o dinheiro. Não consideram esse tão importante

[5] "Segundo a Mary Robinson Foundation Climate Justice, a justiça climática faz o vínculo entre os direitos humanos e o desenvolvimento, visando alcançar uma abordagem centrada no ser humano, de forma a salvaguardar os direitos das pessoas mais vulneráveis e compartilhar os encargos e os benefícios das mudanças climáticas e seus impactos de forma justa e equitativa." Disponível em: Justiça (e injustiça) climática (paineldemudancasclimaticas.org.br).

quanto preservar o planeta para as futuras gerações, pensado coletivamente, indiferente de crenças. Valoriza-se o meio ambiente e o que este pode proporcionar, enquanto o dinheiro não é mais importante que a natureza (KOPENAWA, 2015).

A colonização da américa possui a imagem do homem branco “trocando coisas” com a população indígena, que manipulada, escravizada e explorada foi obrigada a adquirir outra cultura, tão diferente quanto ao seu relacionamento com a preservação do meio ambiente. Enquanto os povos originários se consideravam parte da natureza, a cultura eurocentrista tratava esta como inferior ao seu ser, explorando irracionalmente a natureza e os que detinham cultura diferente da sua. Esse comportamento deixou rastros de destruição na sociedade atual, com alto grau de destruição ambiental, extinção de animais e desigualdade social.

A imposição de outra cultura abrangeu todas as áreas, econômica, social, religiosa, de forma que a maneira em que os povos originários viviam em comunidade, respeitando a natureza, foi drasticamente alterada. A influência europeia alterou o futuro dos povos que foram colonizados, sendo necessário até os dias atuais compensações quanto ao tratamento recebido pelos povos considerados inferiores.

Além da compensação aos povos, o tratamento dos recursos naturais tem causado crises, que parecem chegar ao seu estopim. Assim, mudanças climáticas e desastres ambientais cada vez mais frequentes e mais intensos geram preocupação, e a principal causa para tais resultados tem marco na imposição eurocentrista e aniquilação da cultura povos originários e seus conhecimentos e relação com a mãe terra.

O esquecimento de que somos todos parte da natureza tem gerado problemas, pois quando prejudicamos o meio ambiente, consequentemente prejudicamos todos que vivem nele. Assim, a crise ambiental afeta diretamente todos os seres vivos, e a maneira desrespeitosa em que poluímos nosso planeta precisa ser repensada. O modo indiferente em que a sociedade tem vivido, quanto aos semelhantes ou não, nos coloca no meio de uma crise socioambiental, repleta de desigualdades. Dessa forma, os desastres ambientais causados pela ação humana, atingem com mais intensidade apenas parte da população, do local, dos animais, de todo o planeta, e essa parte atingida sempre é a mais vulnerável, que muitas vezes, é a que menos impacta para as causas dessas tragédias.

As técnicas de produção inconscientes utilizadas no mundo todo, influenciadas pela globalização eurocentrista, causaram e vem causando danos, muitas vezes irreparáveis à natureza e quem vive nela. A crise ambiental encontra-se diretamente relacionada às técnicas de produção atuais, as quais exploram incansavelmente os recursos naturais, e em troca

devolvem grande quantidade de poluição e destruição ao planeta, impossibilitando que seja possível uma renovação natural da natureza, de tão esgotada pela ação humana.

Um meio de produção que destrói a natureza, por exemplo, são as grandes plantações de monocultura, que utilizam maquinário, produtos químicos, poluem tudo que a envolve. O uso de produtos tóxicos inicia causando destruição desde sua produção, após, onde é utilizado, chegando ainda a quem consome os produtos em que o mesmo foi posto em contato. Percebendo a gravidade do problema, a cultura orgânica tem ganhado notoriedade, porém, o lucro da sociedade capitalista prevalece à busca pela sustentabilidade, gerando um novo problema a ser solucionado.

O sistema de produção da pecuária é outro exemplo de produção que pode impactar negativamente de várias maneiras o meio ambiente. A produção da carne é uma das principais causas da emissão de gases de efeito estufa, assim como a produção da alimentação dos animais também não é produzia de forma sustentável. Com a crise climática, há ainda questões que prejudicam esse sistema. Além desses problemas, verifica-se também problemas na criação dos animais, reféns de um sistema que pode causar condições desumanas de sobrevivência.

Ao passo em que a civilização foi "construída", fomos afastados de nossas raízes e culturas originárias, como se o originário fosse considerado não civilizado. Ocorre que esse pensamento afetou de forma negativa o ambiente em que vivemos, pois colocamos o ser humano como ser superior a tudo e todos, esquecendo que todos somos interdependentes nesse planeta.

As culturas ancestrais vivem de acordo com os conhecimentos que tem da natureza, respeitando que não somos seres individuais. Assim, o conceito de sustentabilidade é praticado pelas civilizações por longo período de tempo, e mesmo sob intensa pressão da nova sociedade e cultura imposta, vem resistindo aos seus princípios, e que muitas vezes o que resta é um "tentar" viver, em condições miseráveis, deploratórias e sob uma perspectiva indiferente.

A relação das crises atuais pode ser relativamente ligada a estrutura antropológica, pois no momento em que consideramos a espécie humana superior em um ambiente e que começamos a tratar os diferentes com indiferença, problemas que afetarão a todos surgem no planeta. Assim, na perspectiva antropocêntrica, a natureza seria vista como instrumento, considerada inferior ao ser humano, o que causa problemas ambientais quando não pensadas de maneira sustentável.

A resistência da cultura pelos povos originários é árdua, já que eles são os principais afetados pelos problemas ambientais, sofrendo diretamente os impactos desses danos. A desvalorização da cultura dos povos que ainda resistem tentando manter sua ancestralidade é

iminente e fere os direitos humanos. No Brasil, povos indígenas são constantemente afetados pelas ações da "civilização", um paradoxo que deve ser imediatamente corrigido.

Criamos órgãos de proteção que ditam regras de como se deve viver em harmonia, para que se fiscalize se o direito está sendo cumprido, ideias maravilhosas para melhorar o planeta, porém, tudo isso fica distante da realidade, no abstrato, quando o que encontramos é a aniquilação diária dos direitos humanos, com guerras que ferem demasiadamente todos os princípios que devem ser respeitados, e que não podem ser explicadas, pois desnecessárias.

A dificuldade de realizar o simples para um desenvolvimento sustentável é algo que deve ser repensado de forma urgente, humanitária e de maneira coletiva. Com a sociedade cada vez mais individualista, na era da "sociedade líquida", perdemos o senso do que é viver em comunidade, e que somos parte de um tudo, que o que é bom para todos, me afeta diretamente, assim como o contrário. Esquecemos que temos o poder em nossas mãos, e que somos a própria mudança que buscamos.

3 A NECESSIDADE DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Desde muito novos fomos ensinados que poderíamos contribuir de diversas maneiras para a preservação do meio ambiente, com propostas desde diminuir o uso da água em tarefas do dia a dia, plantar árvores, recolher e separar o lixo, e demais atividades consideradas simples e eficientes. Ocorre que o gasto de água doméstico, comparado ao uso global, é quase que irrelevante, então, tais atitudes, estariam mesmo contribuindo para um meio ambiente sustentável?

A resposta é que mesmo que os impactos não sejam suficientes, são necessários, toda e qualquer atividade e atitude que venha a contribuir com a sustentabilidade é válida. Quando contribuímos, nos tornamos conscientes, e só assim poderemos exigir impactos maiores na sociedade. Quando compreendemos nosso papel na sociedade nos tornamos críticos e então nos questionamos com quais sistemas estamos contribuindo e apoiando com nossas escolhas diárias, desde nossa alimentação e tudo que consumimos em nossa vida. Dessa forma, percebemos que temos o poder de mudança em nossas mãos, basta identificar de que maneira nossas atitudes impactam o meio ambiente.

Além das atitudes diárias e simples, quando entendemos que somos parte de um todo, e que democraticamente temos o poder e dever de exigir mais, compreendemos que necessitamos de mudanças que gerem impactos muito maiores para que possamos reverter a situação de crise que estamos vivenciando. A revolução industrial trouxe diversas mudanças na civilização, e sentimos o impacto desta principalmente nos dias atuais. A estrutura e sistema do capitalismo, da maneira de produção e do consumo são características que impactaram todo o

planeta. Tais mudanças foram aceitas de maneira irresponsável, e que hoje trazem muita preocupação na questão ambiental.

Além dos impactos negativos na perspectiva ambiental, a estrutura de trabalho foi profundamente atingida, trazendo mudanças que perpetuam nos dias atuais em toda sociedade globalizada. O crescimento econômico embora expandido, não trouxe tantos benefícios ao meio ambiente ou ao trabalhador. Hoje, estamos diante de uma crise socioeconômica, onde busca-se de maneira urgente que os danos corridos nos últimos anos sejam revertidos, para que a humanidade tenha chance de não ser extinta.

O desenvolvimento sustentável está em pauta mundial há anos, procurando soluções a fim de reverter os impactos que os seres humanos tem causado ao planeta. O crescimento econômico tornou-se algo tão importante que dedicamos nossas vidas, nosso futuro e nosso planeta em prol desse. Ocorre que quanto mais se dedica à economia, mais desigualdade vivencia-se, seja econômica, social ou ambiental. Caminhamos para um futuro incerto de existência, e parecemos não nos importar o suficiente, para que algo ultrapasse a importância do crescimento econômico.

Em um mundo tão evoluído, repleto de riqueza, sabedoria, tecnologia, em uma sociedade onde o homem diz ter chegado à lua, é impensável que se vida tamanha crise, na perspectiva ambiental, social e econômica. Presenciamos diariamente o aumento de desastres ambientais, tragédias humanitárias e guerras, extinção de espécies, tortura e escravidão, e embora tenhamos encontrado a solução para que tudo seja resolvido, não estamos aplicando realmente as soluções, acomodando-nos a esta crise onde podemos escolher fazer a diferença.

Diversos programas, pesquisas e estudos estão sendo realizados para que a crise mundial seja superada e que possamos reverter a situação degradante atual. Sistemas de desenvolvimento sustentável, onde a cadeia de produção e consumo são realizados pensando na sustentabilidade já se espalham pelo mundo. Ocorre que, na situação atual, já ultrapassamos todos os limites que o planeta pode suportar, dessa maneira, estamos numa corrida contra o tempo, que parece não ser suficiente sem que todos se empenhem na missão de se tornar sustentável.

Organizações não governamentais buscam diariamente realizar projetos de proteção ao meio ambiente, empenhando-se para divulgar a missão de todos para garantir um planeta melhor. Uma dessas organizações nomeada Greenpeace[6] é reconhecida mundialmente pela

[6] O Greenpeace é uma Organização Não Governamental (ONG) que atua em questões relacionadas à preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Possui sede na Holanda, além de departamentos dispersos por

atuação na preservação do meio ambiente e desenvolvimento sustentável. No Brasil, possui importante relevância nas questões referentes à Floresta Amazônica e comunidades indígenas. São organizações que devem ter sua função reconhecida e apoiada pela sociedade, pois atuam na busca do bem maior de todos. Assim, importante que campanhas sejam observadas e atitudes modificadas através do conhecimento compartilhado por esses movimentos. Sobre o conceito de bem viver, Alberto Acosta impecavelmente aduz:

> O Bem Viver também se expressa na articulação política da vida, no fortalecimento de relações comunitárias e solidárias, assembleias circulares, espaços comuns de sociabilização, parques, jardins e hortas urbanas, cooperativas de produção e consumo consciente, comércio justo, trabalho colaborativo e nas mais diversas formas do viver coletivo, com diversidade e respeito ao próximo (Acosta, 2016, p. 15-16).

São situações cotidianas que alteram um modo de se relacionar com o outro e com a natureza, e que causam impactos diretamente na qualidade de vida de todos. A mudança que buscamos deve iniciar na concepção de sociedade que construímos, valorizando o viver em comunidade. Após, as ações humanas automaticamente serão realizadas de forma mais consciente, analisando as consequências que geram.

Uma das principais mudanças que geram impactos relevantes em todos os âmbitos que devemos ter conhecimento e que está ao nosso alcance, é a alimentação. A cadeia de produção e consumo foi tão afetada negativamente que causa mais danos do que imaginamos. Inicialmente, o sistema de produção tem causado danos ambientais, com o uso exagerado de tóxicos que destroem o solo e causam problemas de saúde aos que consomem seus produtos. A questão é que toda a cadeia de produção está sendo pensada principalmente no lucro, e deixou de se preocupar com o que realmente ela se faz necessária: alimentar de forma saudável quem precisa.

A agricultura regenerativa vem sendo aplicada em diversos locais, porém, em números ainda muito pequenos. O objetivo deste sistema de produção é não degradar o solo enquanto se produz, gerando alimentos de forma mais sustentável, que causam menos danos ao meio ambiente. Ocorre que este sistema de produção acaba gerando menos lucro quando comparado aos sistemas atuais em um primeiro momento, desafio que impede que tal sistema seja adotado imediatamente por todos que produzem.

Os benefícios da produção sustentável se estendem a todos ao seu redor, principalmente ao consumidor. Há estudos que identificaram que a alimentação pode causar

---

todo o globo. Sua atuação é vinculada à preservação da natureza em âmbito global. A organização recorre a métodos não-violentos para expor os problemas de ambiente e, dessa forma, buscar soluções mais ecológicas.

graves problemas de saúde, isso porque quando produzida, o modelo atual de produção permite o uso de substâncias tóxicas que causam danos ao meio ambiente, e se estendem aos que consumidores. Dessa forma, a produção sustentável de alimentos traz benefícios principalmente aos seres humanos.

O modo de produção capitalista tem causado diversos danos ao planeta e a quem nele vive. Com a degradação ambiental, ultrapassamos todos os limites suportáveis para que o meio ambiente consiga se equilibrar sozinho, de maneira que precisamos tomar atitudes urgentes se quisermos permanecer vivendo nesse planeta.

Novamente, o maior desafio encontrado para que a produção se torne sustentável, é o crescimento econômico. É possível que a produção num sistema capitalista seja desenvolvida de maneira sustentável, respeitando todos os envolvidos no processo. A indústria da moda, por exemplo, já aplicou em seu sistema de produção a sustentabilidade, respeitando o meio ambiente e os trabalhadores, pensando no presente e respeitando o futuro.

Outro ponto que vem sendo abordado para a solução da crise ambiental que estamos passando é a economia circular, a qual traz princípios sustentáveis que englobam diversas etapas da produção, reduzindo os impactos ambientais. O modelo circular baseia-se no próprio ritmo da natureza, a qual é composta de ciclos, onde uma cadeia de ações interfere em todo o processo, de maneira que cada ação desencadeia uma consequência.

Dessa maneira, qualquer mudança que beneficie o meio ambiente é válida e deve ser aplicada pelo maior número possível de adeptos, para que então possamos agir com responsabilidade e garantir que o planeta consiga se reestabelecer e continuar sendo morada para tantos. Atualmente, são diversos os modelos sustentáveis oferecidos em diversas áreas de nosso planeta, porém, o desafio se encontra ainda na consciência que é dever de todos aplicarem esses modelos, em nome do bem de todos, e não de um crescimento econômico solitário, que gera desigualdades em todo o planeta.

As transformações necessárias para garantir um futuro seguro não ocorrerão sozinhas. Deverá haver mudanças na opinião pública de todos, e em todos os meios. A forma como comunicaremos essa história será crucial e democratizada. Será necessário diferentes abordagens para diferentes situações, na maior quantidade de recursos possíveis e disponíveis. Quanto as ferramentas que possuímos para essa reestrutura, podemos citar a moralidade, empatia, ciência, mídia e, em algumas partes do mundo democracia (THUNBERG, 2022).

Outro aspecto diretamente ligado com a sustentabilidade é a forma de governar um Estado, onde o bem comum a todos só será alcançado quando todos fizerem parte deste, ou seja, democraticamente. Assim, a democracia se mostra como um aspecto decisivo para que o

desenvolvimento sustentável seja praticado pela sociedade, sendo que o poder de decisão deve ser comum a todos, e na busca de um bem maior que beneficie com maior amplitude, e em todos os âmbitos, seja social, ambiental e econômico, pois assim como a natureza, tudo está interligado, e cada ação gera impactos que devem ser analisados.

A participação de todos na tomada de decisões em uma sociedade é consolidada pela democracia. Embora a falta de uma educação crítica ainda não permite que todos estejam cientes do poder de decisão em nossa sociedade, é o que mais nos aproxima de conquistar o bem maior em comum. Esse bem maior que se busca de maneira urgente é a superação da crise climática que ameaça a vida do planeta. E como o interesse é de todos, necessário que as decisões sejam buscadas em comum acordo.

A democracia tem característica muito frágil e tem sido constantemente ameaçada. O perigo de não termos poder de escolhas em nosso cotidiano é algo que deve ser constantemente relembrado, pois afeta diretamente a conquista do que é o bem em comum que deve ser buscado. Nesse caso, o desenvolvimento sustentável é o ponto crucial que apenas democraticamente consegue ser analisado e proposto para que seja inserido em nosso planeta, considerando o caos ambiental e social que assola o mundo globalizado industrial.

Assim, surge um conceito de democracia idealizada, que busca a evolução e superação das crises que aterrorizam a sociedade, que se preocupa com o todo, em âmbitos sociais, ambientais e econômicos, e que deve ser urgentemente repensada por todos, para que possamos reverter e diminuir os impactos e danos que viemos causando de forma desgovernada.

A democracia sociecológica ou ecossocialista busca unir esses propósitos na busca de um reequilíbrio planetário, que diminua as desigualdades, respeitando as diferenças. Acerca do tema e a respeito desse sistema de governo, observa-se que esse busca equilibrar a relação da presença humana na natureza, respeitando a convivência de forma harmônica, buscando o ecológico. Nesse sentido, a estrutura da sociedade e seu modo de produção, desde a maneira que "escraviza" a natureza para que sirva ao homem, seria reestruturada, respeitando os ciclos naturais do planeta (BOFF, 2022).

4 O RESGATE DAS CULTURAS ORIGINÁRIAS COMO PARTE DA SOLUÇÃO

Os estudos das antigas civilizações são de extrema importância para que a sociedade atual exista e continue a existir. Embora presenciamos a era digital, tecnológica e conhecida por ser evoluída, ainda há mistérios das antigas civilizações que não foram desvendados, construções que ainda causam curiosidades, como as pirâmides do Egito, ou culturas com alto nível de proximidade da natureza, como as antigas civilizações das regiões Mesoamérica, atualmente México e parte da América Central, reconhecidos por contribuírem em diversas

áreas, desde a arquitetura, agricultura e astronomia, por exemplo. Além dessas contribuições, deixaram vasto conhecimento quanto ás praticas desenvolvidas de maneira sustentável, preservando o meio ambiente.

A verdade é que quanto mais civilizados nos tornamos, mais distantes das origens ficamos, o que vem causando um desequilíbrio em todo o ambiente e aos que nele habitam. A qualidade de vida já não é mais algo a ser priorizado, o cuidado com nossa casa maior, a Mãe Terra, é a cada dia menos lembrado, e nossa ancestralidade esquecida com o passar dos dias.

Ocorre que, com o distanciamento da conexão com a natureza, estamos preparando nossa própria extinção. É preciso relembrar que somos a natureza, e que devemos cuidá-la como nossa semelhante, só assim estaremos naturalmente nos protegendo da crise e possibilidade de extinção que estamos expostos.

A Organização das Nações Unidas (ONU) já estipulou diversas metas e objetivos que a sociedade precisa realizar a fim de impedir o colapso e destruição total do nosso planeta. Um dos principais pontos que precisam ser trabalhados é a emissão de gases de efeito estufa, causados principalmente pela ação humana, de forma descontrolada. São diversas as alternativas para a redução da emissão desses gases, que devem ser adotadas urgente.

As alternativas de desenvolvimento sustentável e recuperação do meio ambiente equilibrado estão relacionadas e conectadas com as culturas originárias que preservavam a natureza. A ancestralidade dos povos indígenas é uma cultura muito próxima da natureza, e que deve ser resgatada e trazida ao modelo de civilização colonizado em nosso Estado.

Diversos defensores do meio ambiente, estudiosos e cientistas vem alarmando para o perigo iminente que corremos, e propondo que ações sejam tomadas imediatamente. Ocorre que a sociedade ainda não percebeu o tamanho da crise que vivenciamos, e que se continuarmos agindo da mesma maneira, o futuro como queremos será cada dia mais improvável de existir.

A cultura dos povos ancestrais estava conectada com a natureza, seus ciclos, de maneira que o equilíbrio permitia a harmonia entre todos. Essa relação de respeito deve ser resgatada e adotada para que a sustentabilidade faça parte do mundo globalizado em que vivemos. Ailton Krenak é um dos principais defensores desse movimento, com obras que relatam a situação de mudança urgente que presenciamos, segundo ele:

> As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois para uns vencerem outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Têm o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo. Esse é o mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra (KRENAK, 2022).

Analisando o pensamento de Krenak em suas obras, denota-se que há uma preocupação não somente com o meio ambiente, mas com o pensamento criado em relação a este, e que só havendo essa educação seria possível alcançar a sustentabilidade. Para isso, a educação ambiental é pilar essencial para que o conhecimento crítico acerca de nossas responsabilidades sustentáveis seja realmente concretizado e materializado.

O conhecimento acerca das crises atuais, suas causas e consequências permitem uma mobilização na busca da resolução dos problemas. Assim, não há como dissociar a educação da preservação, e no sentido de educação, considera-se importante a orientação das gerações. A orientação para que seja definido o que é importante e o que é necessário realizar a fim de atingir metas, como no caso das crises, que o conhecimento cultural diferente seja acolhido na sociedade globalizada.

Obtendo a consciência de que a crise climática está diretamente relacionada a emissão de gases de efeito estufa e emissões intensificadas pela indústria e/ou sistema de produção atual da nossa sociedade, entendemos o problema. Assim, uma das soluções mais eficazes para reequilibrar o ambiente, é algo que os povos ancestrais já sabiam e respeitavam: a própria natureza. As árvores, plantas, recifes de corais e todo o ecossistema funciona de maneira a manter o equilíbrio do maio ambiente. Porém, com as ações desenfreadas de destruição humana, a natureza está tendo dificuldades de manter-se equilibrada por conta própria, necessitando de intervenção positiva.

Dessa forma, a recuperação de áreas degradadas pela civilização é o principal meio para que possamos superar a crise enfrentada no mundo de hoje. Cada ação pensada de forma a contribuir com a sustentabilidade é importante e necessária. É o momento de relembrar a cultura ancestral de pensamento coletivo, nos responsabilizando por cada ação que tomamos. É preciso consciência de que estamos diante do pior cenário que já nos encontramos, e que a maneira que nos relacionamos com a natureza deve ser alterada urgente.

O resgate da ancestralidade não significa retrocesso, pelo contrário, o entrelaçamento com as novas tecnologias na busca de ferramentas renováveis é o caminho para o desenvolvimento sustentável necessário para a preservação do nosso planeta.

Para isso, a busca pelos conhecimentos dos povos ancestrais, que possuíam estreita relação com a natureza e seus ciclos, que juntos trabalhavam de forma harmônica, devem ser resgatados para enfrentarmos a crise global. A cultura coletiva tem de prevalecer ao individualismo, pois só assim iremos superar as desigualdades tão evidentes em nossa civilização, respeitando o semelhante e a natureza como semelhante, respeitando o meio

ambiente, e percebendo que não há superioridade na diferença, há apenas oportunidades de evolução.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo nos permitiu analisar uma abordagem histórica da formação das civilizações, considerando a forte influência da cultura eurocentrista perante as culturas originárias. O próprio termo "descobrimento do Brasil" nos permite perceber a clara indiferença no tratamento com os habitantes originário locais, sendo que estes já viviam no local antes desse ser "descoberto". Além disso, o sentimento de superioridade dos brancos interferiu negativamente as civilizações ancestrais, causando danos que perduram nos dias de hoje.

Com a análise do contexto histórico, constatou-se que a colonização eurocentrista teve fundamental papel no desencadeamento das crises sincronizadas em diversas áreas atualmente. Essas crises foram ocasionadas pelas ações humanas no decorrer da construção das civilizações, e sua relação com o meio ambiente. Ocasionada principalmente pela supervalorização do papel econômico em relação aos demais aspectos da vida, passamos por um momento delicado em que sabemos o que precisamos fazer, porém somos aprisionados, inclusive intelectualmente, a realizar as mudanças necessárias na busca de um bem viver.

Embora o mundo esteja ciente das crises ambientais, sociais e econômicas, as mudanças ainda estão muito atreladas ao setor financeiro, de modo que a economia novamente prevalece à preservação. Muitos projetos são realizados em nome da sustentabilidade, mas que acabam por priorizar o lucro em determinados setores. A consciência ainda não é suficiente para que o lucro seja menos priorizado.

A relação com a troca monetária é antiga, mas foi difundida para culturas que não teria adquirido essa prática não fosse pela colonização e sua influência. Uma dessas culturas ancestrais é a dos povos indígenas, que ainda relutam para manter seus costumes em uma dinâmica econômica. Para estes, o dinheiro não possui tanta importância quanto em outras culturas, tratando o meio ambiente e a vida em comunidade como algo superior a ser preservado.

Com o pensamento considerado mais primitivo, mas não no sentido de inferior, apenas mais naturalizado, esses povos ancestrais detinham alto conhecimento ambiental, e assim realizavam as tarefas atreladas ao meio ambiente, seguindo seus ciclos naturais. Essa cultura ainda resiste em diversas áreas do planeta, resilientes na tentativa de uma imposição globalizada.

Esses povos valorizam a proximidade com o meio ambiente, e a preservação desse para o bem viver. É possível, atualmente, encontrar populações que ainda resistem às

imposições culturais globalizadas, e que buscam difundir a importância da preservação ambiental. Ativistas que lutam na busca da defesa do meio ambiente, que valorizam as práticas sustentáveis. Embora a questão econômica tenha forte influência, observa-se que os povos antigos ainda são resilientes em sua cultura, admiravelmente, sendo inclusive os que mais sentem as mudanças ambientais atuais.

O assunto é de extrema importância social, considerando que o ano de 2023, em seus primeiros 7 (sete) meses, já utilizou todo o recurso natural que a Terra é capaz de regenerar em um ano, ou seja, já extrapolamos nosso limite para que o planeta consiga se regenerar sozinho. Este evento é chamado de sobrecarga[7], e já vem sendo discutido nos principais órgãos de preservação ambiental. O dia da sobrecarga da Terra é definido como sendo o momento em que a utilização dos recursos naturais do planeta é esgotada em comparação ao que a Terra poderia se regenerar no ano.

Assim, é fundamental que nos reaproximemos das culturas ancestrais, de maneira que sua relação com a natureza seja adaptada em nossa sociedade atual, incluindo os avanços da sociedade nas práticas sustentáveis e conhecimentos ancestrais, respeitando suas condições e preservando o planeta. Nesse sentido, a cultura ancestral possui relevante influência que deve ser difundida em nossa sociedade, retirando seu caráter inferior estipulado durante o processo de colonização.

Ações consideradas simples e ao alcance de todos, atitudes sustentáveis, mas principalmente conhecimento para exigir mudanças maiores. O respeito a humanidade, não só espécie humana, mas todos os seres vivos, o tratamento semelhante e responsável com os recursos naturais, o conhecimento ancestral das sincronicidades de ciclos, são valores que devem ser resgatados em busca de um desenvolvimento sustentável, os quais seus detentores, são os povos originários ancestrais.

Dessa maneira, o aspecto ao alcance de todos, e disponível como ferramenta de fácil uso, é a comunicação. Através da educação ambiental, temos a capacidade de difundir acontecimentos globais, assim percebendo quais mudanças devemos reivindicar. Entender nosso papel na sociedade, valorizando o poder democrático e a capacidade de exigir mudanças ao bem estar social, buscando a igualdade, equidade e respeito, retomando o convívio coletivo

[7] "O Dia da Sobrecarga da Terra é a data do ano em que a demanda da humanidade por recursos naturais supera a capacidade do planeta de produzir ou renovar esses recursos ao longo de 365 dias. É como se ultrapassássemos o limite, entrando no vermelho e passando a usar o "cheque especial" da Terra. Em 2023, essa data acontece em 2 de agosto. Atualmente, para atender os padrões de consumo da humanidade - e isso inclui também toda a estrutura construída para sustentá-la - seriam necessários 1.7 planetas Terra." Disponível em: https://www.wwf.org.br/overshootday/.

através de culturas que valorizavam o bem estar, e que não estão distantes nem em tempo, nem em espaço.

REFERÊNCIAS

Acosta, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

Boff, L. **Sustentabilidade: O que é – O que não é** (3 ed.). Petrópolis/RS. Vozes, 2014.

Boff, L. **Uma democracia socioecológica ou ecossocialista**. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/627470-uma-democracia-socioecologica-ou-ecossocialista-artigo-de-leonardo-boff.

Kopenawa, Albert, Bruce, Davi. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami.** (1 ed.) São Paulo: Companhia das letras, 2015.

Krenak, A. **Futuro Ancestral** (1 ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Krenak, A. **Ideias para adiar o fim do mundo** (1 ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Quijano, A. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires Lugar CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor 2005.

Thunberg, G. **The Climate Book.** New York: Penguin Press, 2022.